

GUIA DE ACOMPANHAMENTO

Uma proposta para o combate à evasão

Antonia Costa Ramos
Adriano Eurípedes Medeiros Martins



Outubro de 2020

GUIA DE ACOMPANHAMENTO

Uma proposta para o combate à evasão

APRESENTAÇÃO

Este **Guia de Acompanhamento – Uma proposta para o combate à evasão** desenvolvido para gestores e equipe pedagógica aborda a temática ‘evasão’ nos cursos técnicos concomitantes.

O Guia tem o intuito de propor reflexões e sugestões para gestores e equipe pedagógica de instituições que oferecem a Educação Profissional Técnica de Nível Médio na forma concomitante, sobretudo pela importância do combate à evasão, por meio de ações que promovam a permanência do aluno.

O enfoque na Educação Profissional Técnica de Nível Médio na forma concomitante não limitará o acesso ao Guia a outros profissionais da educação, tendo em vista que a evasão ocorre em todos os níveis, formas e modalidades de ensino.

Espera-se que a leitura do **Guia de Acompanhamento – Uma proposta para o combate à evasão** oportunize aos gestores e equipe pedagógica momentos de reflexão e aprimoramento de ações que promova o combate à evasão.

Boa leitura, bom trabalho e sucesso!

Sumário

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	3
1ª PARTE.....	6
1. A EVASÃO	6
2. UMA BREVE REFLEXÃO	8
ENSINO TÉCNICO PARA O TRABALHO OU PARA A EMPREGABILIDADE? PERSPECTIVAS E TENSÕES	8
2ª PARTE.....	14
OS PRINCIPAIS MOTIVOS DA EVASÃO	14
3ª PARTE.....	16
ACOMPANHAMENTO AO ALUNO – UMA PROPOSTA DE COMBATE À EVASÃO	16
1. O ACOLHIMENTO	17
2. O AUXÍLIO FINANCEIRO	18
3. O GRUPO DE TRABALHO.....	18
4. A EXPERIÊNCIA SIGNIFICATIVA	19
5. A COMUNICAÇÃO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE.....	25
PROPOSTA DE AÇÃO	25
PROJETO INTEGRAÇÃO, ACOLHIMENTO E MANUTENÇÃO	25
MINICURRÍCULO DOS AUTORES	30

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil, ao longo da história tem passado por situações desafiadoras e uma delas é o alto índice de evasão escolar, apresentando-se desde o ensino fundamental e atingindo outros níveis, formas e modalidades de ensino.

No ensino fundamental, segundo relatório divulgado em 2013 pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o Brasil chegou a ter a terceira maior taxa do mundo, com 24,3% de evasão escolar nessa fase de ensino.

Considerando a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica SETEC/MEC, no ano de 2019, a taxa de evasão foi de 15,5% e nos cursos técnicos concomitantes foi de 18,3%.

À vista disso, vários são os motivos da evasão; indo desde dificuldades financeiras que obrigam o estudante a trabalhar à falta de interesse ou motivação pelo processo de aprendizagem. Todavia, independente do motivo, traz consequências tanto para o aluno quanto para a instituição.

Deste modo, os efeitos decorrentes para o aluno é o despreparo profissional formal que acarreta maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, já para a instituição contribui negativamente para o cálculo das taxas de rendimento escolar, entre outras respectivas consequências.

Sabemos que o cenário é desfavorável e de difícil resolução, no entanto algumas atitudes do gestor escolar podem ajudar a melhorar essa situação. Essas atitudes envolvem não apenas conhecer ou reconhecer a existência do problema, mas abrange ‘entender’ os motivos geradores e com isso buscar práticas que contribuam com a redução da evasão.

Nesse sentido, o trabalho intitulado “OS DES-MOTIVOS DA EVASÃO: Um estudo de caso em um campus do IFTM nos anos de 2014 a 2018” buscou entender os principais motivos que levaram à evasão dos alunos dos cursos técnicos da instituição pesquisada e, a partir, dessa iniciativa e o resultado da pesquisa de campo culminou

neste **GUIA DE ACOMPANHAMENTO – Uma proposta para o combate à evasão.**

O desenvolvimento desta proposta é parte do trabalho de conclusão do Mestrado Profissional em Educação - ProfEPT e visa formular propostas para o acompanhamento ao discente tendo como objetivo mitigar a evasão por meio de um conjunto de sugestões articuladas e sequenciais, orientadas a esse fim.

O guia se destina aos profissionais de educação, aqui denominados equipe gestora, equipe pedagógica, professores e técnicos administrativos envolvidos no processo educativo.

O material está estruturado em três partes: a primeira traz questões conceituais, teóricas e reflexivas; a segunda apresenta os principais resultados da pesquisa e a terceira apresenta propostas de acompanhamento ao aluno para contenção da evasão.

Portanto, a perspectiva será implementar um projeto de acompanhamento, com base nos três principais motivos de evasão detectados pela pesquisa:

- Arrumei emprego.
- Dificuldade em conciliar os estudos no IFTM com o Ensino Médio.
- Falta de motivação e interesse.

Todavia, relacionados aos principais motivos e não menos importantes, também foram fatores que influenciaram a evasão e também precisam ser atacados:

- Dificuldade de adaptação ao ritmo do curso.
- Não era o curso desejado.
- Dificuldade de acesso (transporte).
- Dificuldade de compreender os conteúdos.
- Renda insuficiente para manter os estudos (materiais escolares, lanches, entre outros).

Sendo assim, as propostas aqui apresentadas são práticas que um gestor de ensino é capaz de adotar com o objetivo de diminuir a evasão escolar na instituição e são ações que trazem resultados

positivos não só para os alunos, que tenderão a dar continuidade em seus estudos, mas também para a instituição, que fará jus à sua atividade-fim.

1ª PARTE

1. A evasão

Segundo nosso estudo, a literatura apresenta conceitos bastante diversos para o termo ‘evasão’, no entanto, neste guia tomaremos como princípio o Dicionário de Indicadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que se refere a alunos evadidos como “alunos que estando matriculados na série s no ano m não encontram-se na matrícula da série s ou $s + 1$ no ano $m + 1$ ” (MEC, 2004, p. 19).

Entretanto, ao nos referirmos especificamente aos alunos dos cursos técnicos concomitantes, são alunos que se matriculam num curso técnico em contra turno de suas atividades na Educação Básica ou que já concluíram o ensino médio e, mesmo que a matrícula não seja anual, consideraremos aqui o conceito do INEP e seguiremos o critério de matrícula e rematrícula semestral.

Para melhor entendimento, a matrícula é o procedimento de ingresso do aluno no curso, já a rematrícula é o procedimento pelo qual o vínculo com o curso é mantido no semestre seguinte, tendo em vista que os cursos são divididos por períodos e equivale um semestre cada período.

Nesse sentido, o aluno evadido é aquele estudante que estando matriculado, deixou de frequentar as aulas dos cursos técnicos concomitantes no período no qual foi matriculado ou não se rematriculou para o semestre seguinte.

Se o estudante apenas mudou de instituição ou de curso ou parou de estudar por tempo indeterminado, sem o devido processo de transferência, trancamento da matrícula ou mesmo trancou por um período, mas não efetuou a rematrícula no semestre seguinte, não retornando mais ao curso, também será considerado aluno evadido.

Segundo Scali (2009) a evasão envolve questões pedagógicas, emocional, social, política, econômica e administrativa, portanto, estes são fatores que podem influenciar no processo de evasão.

Assim, a evasão foi objeto de nossa pesquisa ao longo dos dois últimos anos e, não diferente de outras pesquisas, suas causas são multifacetadas, todavia, o grande vilão da evasão no Campus Avançado Campina Verde é a nossa realidade socioeconômica, o que leva muitos estudantes à inserção precoce no mundo do trabalho.

Em decorrência disso, prejuízos são causados e exigem-se transformações urgentes, proporcionando ao estudante não só o acesso, mas a permanência e o êxito por meio de uma formação cidadã, que contribua para a profissionalização e sua 'posterior' inserção no mercado de trabalho, não só como força produtiva, mas como cidadão integrado à força social.

Importa ressaltar que os prejuízos decorrentes da evasão atingem não só o aluno, mas a instituição e a sociedade dos quais destacamos:

- As altas taxas de evasão comprometem os índices de aproveitamento da instituição, interferindo no cumprimento de seus objetivos, portanto, não fazendo jus à atividade fim da educação.
- Ao aluno evadido, costuma causar baixa autoestima, dificultando suas relações pessoais e profissionais; na inserção precoce e sem qualificação no mercado de trabalho a qualidade dos serviços prestados é nivelado por baixo, tal como sua remuneração.
- Tudo isso consolida ainda mais a desigualdade social, pois fatores como a falta de educação de qualidade e a baixa remuneração são causas de desigualdade, cujas consequências são a pobreza, o desemprego, a marginalização, a violência, entre outras.

Portanto, este problema precisa ser atacado e é um dever da instituição, como escola, combatê-lo sendo necessário que gestores, professores e todos os envolvidos no processo educacional busquem formas de resolvê-lo.

Desse modo, é preciso avaliar se há dentro do corpo discente alunos propensos à evasão, pois como estratégia de combate, detectar estes alunos torna-se o primeiro passo na busca de medidas no combate ao problema, no entanto, não só, mas deve ser dada

maior atenção aos que apresentam alguma característica que levem a evasão e a partir daí avaliar a melhor forma de agir.

2. Uma breve reflexão

Ensino Técnico para o trabalho ou para a empregabilidade? Perspectivas e tensões

O processo de educação formal no Brasil é intrinsecamente relacionado ao grau de desenvolvimento econômico, político e social da nação e ao longo da história a educação sempre foi apresentada como caminho para a civilização, para a modernidade, para um futuro melhor para todos, embora, na prática as ações políticas não correspondam a esse desejo, pois para a classe dominante o mais importante sempre foi uma educação com dupla finalidade.

Nesse sentido, o processo sempre propiciou a dicotomia educacional em que um tipo de ensino é destinado à instrumentação da elite política e social para garantir a construção e a manutenção da ordem, a estabilidade das instituições e a preservação do regime hierarquizado em classes e outro de caráter mais pragmático destinado à classe menos favorecida para atender as demandas do mercado e do mundo da produção.

Aludimos aqui a Lei de nº 9.394/1996, Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, que no capítulo III, art. 39, descreve que “a educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”.

Todavia, na perspectiva do Parecer CNE/CEB nº 17/97, essa modalidade de ensino visa qualificar aqueles que a situação socioeconômica não lhes é favorável no prosseguimento em grau mais elevado de ensino, oferecendo-lhe um curso técnico que, na concepção desse parecer, é destinado a estudantes que estejam cursando ou que tenham concluído o Ensino Médio, cuja finalidade é prepará-lo para o mercado de trabalho.

Ainda referenciando a LDB, a Educação Profissionalizante é um programa educacional que busca desenvolver e aprimorar as competências e habilidades dos trabalhadores, todavia, não se apresenta apenas como um programa de Governo, mas um programa de empresas. Programa este que visa reproduzir os imperativos do capital, uma vez que aumenta o contingente de trabalhadores, precarizando as condições de trabalho e ao mesmo tempo os transforma em consumidores dos bens produzidos, gerando lucro ao capital, visto que tudo é valorado, tudo tem seu preço, tudo é produzido para troca.

Nessa mesma concepção, o Decreto 5.154/2004 enfatiza o individualismo e a formação por competências voltadas para a empregabilidade, confirmando o viés neoliberal no que se refere à empregabilidade, pois segundo esse pensamento, no Brasil não havia falta de empregos, mas “empregáveis” e nesse viés o processo de expansão da Rede Federal de Educação preconizou as bases econômicas, uma vez que visa qualificar profissionais para os diversos setores da economia, em estreita articulação com os setores produtivos, bem como estimula e apoia processos educativos que levem à geração de trabalho e renda.

“Eu estou fazendo esse curso pra facilitar que eu arranje um emprego porque não tenho condições de fazer uma faculdade porque o ônibus pra ir é muito caro”.

É nesse viés que os cursos técnicos profissionalizantes estão destinados, ou seja, a quem deseja ingressar no mercado de trabalho, qualificando-se em um curso específico sem ter que cursar uma faculdade. Conquanto, a aparente ideia de um trampolim para a empregabilidade é questionável, pois realmente este jovem está sendo inserido no mercado de trabalho ou apenas inchando a massa de mão de obra ‘qualificada’ para atender demandas do mercado?

Assim sendo, e numa sociedade regida pelos princípios hegemônicos do capital, as políticas educacionais estão direta e indiretamente voltadas para o mercado e para o desenvolvimento capitalista em que temos jovens ‘empregáveis’ mas sem emprego ou

quando empregados, com salários baixos em decorrência do expressivo quantitativo de mão de obra disponível.

Essa articulação da educação voltada para empregabilidade estrutura o capital e desestrutura o ser social, pois o trabalho é a mercadoria do jovem assalariado, vendida ao capital para garantir a sua sobrevivência.

“Acho que com esse curso vai ser mais fácil arrumar um emprego e com isso vou poder comprar minha moto, trocar meu celular e fazer um monte de coisas.”

Na lógica, em que as políticas educacionais estão articuladas com o mundo do trabalho, sobretudo a educação profissional na qual estão inseridos os cursos técnicos, formando mão de obra para atender demanda do capital, evidencia a dicotomia educacional. E ainda, ao associar a educação com o trabalho remetendo à empregabilidade do jovem reduz o papel da educação apenas no indivíduo produtivo e nas características do mercado, equivocando-se o sentido da educação, pois neste aspecto se caracteriza como uma visão de profissionalização adestradora.

Apesar disso, há quem considere um avanço em termos de potencial e capacidade, pela relevância da formação profissional na vida de um jovem aluno, pois possibilita a qualificação necessária para ingressar no mercado de trabalho e conseguir conquistar sua autonomia financeira, promovendo a equidade social, uma vez que se torna atenuante da pobreza ou alternativa à marginalidade e à exclusão.

Por esse prisma, o ensino técnico é uma formação complementar e pode cumprir um papel importante no desenvolvimento do estudante, pois como formação profissional dá condições de buscar a inserção no mercado de trabalho e, considerando-se que o jovem tende a viver o imediatismo, uma proposta de ‘trabalho’ em tempo de desemprego estrutural lhe sugere o acesso a uma renda – autonomia financeira – que lhe possibilitará a realização de pequenos desejos de consumo e

permitindo-lhe transitar em um determinado grupo social próprio de sua faixa de idade.

Conquanto, este é um viés trágico, porquanto condicionam os jovens na qualidade de capital humano unicamente produtor do crescimento econômico social e/ou governamental e potencial consumidor de bens do capital.

“Parei de estudar porque precisava trabalhar.”

Não obstante, é preciso que se tenha clareza quanto aos objetivos da educação, posto que, frequentemente muitos jovens, por necessidades financeiras familiares, acabam ingressando precocemente no mundo do trabalho - no subemprego ou nos chamados ‘biscates’ - sem nenhuma condição de proteção pela Lei de Aprendizagem fazendo com que esse jovem exerça atividades proibidas antes da maioridade.

Conseqüentemente torna-se mais grave quando em razão disso não conseguem conciliar trabalho e escola e optam por priorizar o ‘trabalho’ por suprir suas urgências de consumo e bem estar momentâneo tornando iminente a exclusão escolar uma vez que o trabalho, mesmo em condições precárias, se torna mais atrativo por possibilitar o mínimo necessário para que esse jovem se considere parte de um grupo, mesmo que seja excluído de outro - o da educação - ocasionando assim a evasão escolar.

“Ai, eu quero ser famoso!”

Nesse seguimento, lembramos que atualmente as mudanças no mundo do trabalho também incluem alguns trabalhos que são considerados lazer, como por exemplo, os de jovens que passam horas praticando jogos virtuais, os atletas de e-sports ou outros que se dedicam a gravar vídeos para internet, os youtubers ou outras formas

de mídias sociais, que muitas vezes não são considerados como ocupação pelos dados estatísticos e até mesmo pela própria família.

Nesse sentido, a escola também precisa repensar o seu papel na perspectiva de preparar o aluno para sua inserção nesse mundo dinâmico/social, todavia, sem que abandone seu percurso escolar.

“Pra que estudar, não tá tendo emprego mesmo! É melhor vender caldo de cana na feira do que ir todo dia pra aquela escola e depois não ter onde trabalhar”

De outra forma, ao considerarmos a dinâmica entre formação profissional e a crescente onda de desemprego no país é possível inferir que a falta de perspectivas do educando ingressar no mercado de trabalho também é motivo de abandono nas escolas, posto que dentre os diversos fatores sociais considerados determinantes da evasão escolar encontra-se o ‘desemprego’.

Portanto, a baixa perspectiva de empregabilidade pode ser fator gerador da não continuidade na trajetória formativa do aluno, dado que a falta de possibilidade imediata e/ou futura faz com que o jovem opte por ‘biscates’ ou outra forma de manutenção financeira ou simplesmente abandonar a por falta de visão futura.

Nesse ponto de vista, a realidade da educação da juventude depara-se com uma sociedade de grandes desigualdades e as mudanças no mundo do trabalho precisam ser consideradas uma vez que a entrada precoce no mundo de trabalho ou sem a devida qualificação submete o jovem ao subemprego, condição essa que funciona com barreira para continuidade aos estudos e à difícil inserção social do jovem como um sujeito produtivo, necessitando, portanto de uma reflexão mais crítica sobre essa complexa equação escola e trabalho.

Portanto, destacamos a relevância do planejamento institucional comprometido com constantes estudos da região onde está inserida para então decidir por cursos mais ajustados às demandas do mercado de trabalho e aos anseios dos jovens, bem como uma

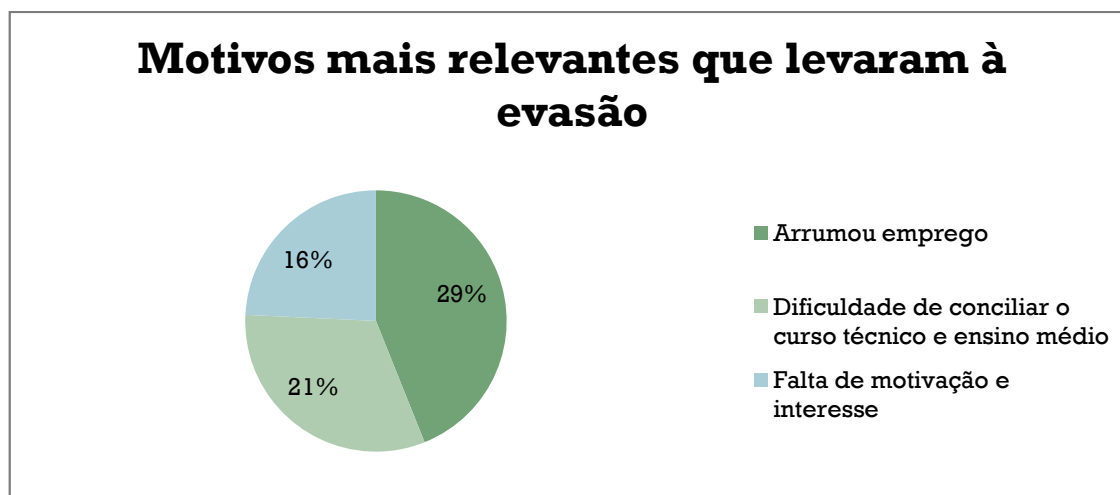
formação omnilateral que possibilite que esse jovem se posicionar criticamente em seu meio social, buscando formas de construir seu próprio conhecimento e que o emprego não seja o único sentido do trabalho, mas que este seja a construção de sua própria existência.

2ª PARTE

Os principais motivos da evasão

Como já falamos até aqui, a evasão é complexa e multifacetada e precisa ser compreendida como tal para ser combatida eficientemente. Na maioria dos casos, quando um aluno desiste de um curso, há um conjunto de motivadores que o levaram a tomar essa decisão e este foi o objetivo do nosso estudo e apresentaremos os motivos mais recorrentes.

Segundo a nossa pesquisa, dentre os vários fatores que influenciaram para que o estudante abandonasse o curso técnico concomitante os mais recorrentes foram em primeiro lugar porque arrumou **um “emprego”**, totalizando um percentual de vinte e nove por cento (29%), em segundo foi a **dificuldade de conciliar estudos nos curso técnico e o ensino médio**, apresentando vinte e um por cento (21%) das respostas e em terceiro lugar, dezesseis por cento (16%) alegaram **falta de motivação e interesse**.



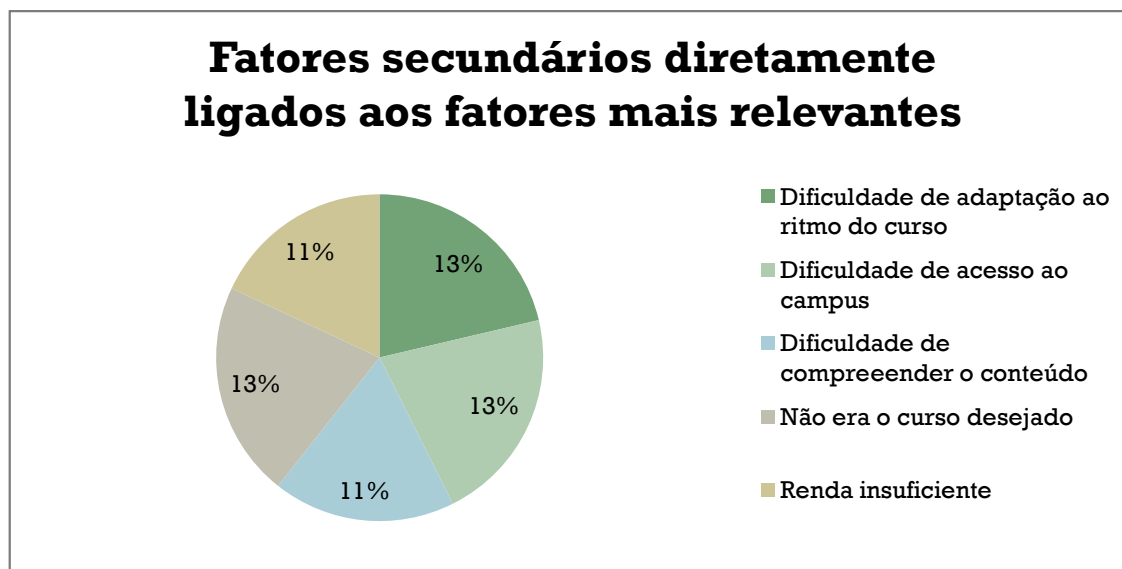
Fonte: Da autora – RAMOS, Antonia Costa (2020)

Em sua pesquisa Oliveira (2016) também detectou dentre os vários motivos, a incompatibilidade do trabalho com o estudo foi o principal motivo da evasão, pois a maioria não deu conta de manter as duas atividades concomitantemente, priorizando o trabalho para suprir suas urgências de consumo e bem estar.

Ceratti (2008) enfatiza que diversos são os motivos que podem levar à evasão escolar. Eles podem derivar de fatores pessoais, que se referem ao desenvolvimento psíquico do indivíduo, assim como de fatores sociais, como a condição socioeconômica na qual está inserido.

Dentre os diversos autores estudados, Arruda (2019) enfatiza que razões relacionadas às condições socioeconômicas, localização geográfica, defasagem de conteúdo, que dificulta acompanhar tanto aulas teóricas, quanto práticas são fatores que motivam a evasão e como podemos ver a seguir, essa constatação também ficou evidente em nossa pesquisa.

Quando analisamos outros fatores que também foram denotados como motivos, percebemos que estão diretamente ligados aos três motivos anteriores, sendo estes a renda insuficiente para manter os estudos (materiais escolares, lanches, entre outros); a dificuldade de adaptação ao ritmo do curso; por não ser o curso desejado; a dificuldade de compreender os conteúdos e a dificuldade de acesso (transporte).



Fonte: Da autora – RAMOS, Antonia Costa (2020)

3ª PARTE

Acompanhamento ao aluno – uma proposta de combate à evasão

Quando o aluno ingressa na instituição, de modo geral, ele espera sentir-se acolhido e cuidado, não ‘mais um’ em meio a tantos que ali estão. Nesse sentido, é importante que a escola faça todo esforço possível para aproximar-se desse aluno, fazendo que ele sinta que pode contar com o apoio da equipe escolar não somente para questões inerentes ao ensino, mas também como suporte social e psicológico do aluno que, muitas vezes, não encontra esse tipo de amparo no seio na própria família.

É importante que a escola busque conhecer os problemas pelos quais o aluno está enfrentando no seu dia a dia que podem afetar seu desempenho e o desmotiva ou lhe obriga a abandonar o curso.

Outro fator importante é que os cursos sejam mais divulgados para que os candidatos às vagas tenham uma visão mais completa sobre os cursos oferecidos, pois de acordo com Peixoto e Carneiro (2017), “um aluno com mais informações tem mais condições de fazer escolhas acertadas. Escolhendo bem, evidentemente, sua resposta ao curso também melhora.”

Todavia, a instituição também precisa deixar claro seus regulamentos, normas e regimento disciplinar a fim de que não seja desconhecido pelo corpo discente, podendo ocasionar possíveis alegações de desconhecimento o que correrá o risco também de ser motivo para evasão, pois a dificuldade de adaptação ao ritmo do curso pode ser em decorrência desse desconhecimento.

1. O acolhimento

A primeira medida a ser tomada é manter na instituição um sistema de acolhimento ao aluno. Especialmente para aqueles alunos que ingressaram em algum curso, mas que ainda estão incertos em relação à sua escolha ou que fizeram reopção de curso.

Portanto, prepare um espaço para conversa a fim de que possam ser identificadas as habilidades e interesses do aluno e que podem ser base da profissão, assim a equipe poderá acompanhará mais de perto o percurso desse aluno, orientando-lhe adequadamente, tanto na escolha do estágio, quanto em futura colocação no mercado de trabalho.

Dentro do fator de acolhimento é importante fazer a triagem dos alunos a fim de identificar e dividi-los em grupos de risco conforme suas principais características, priorizando o acompanhamento conforme a necessidade de cada grupo.

Como referencial para a triagem de identificação de grupos de risco poderá ser utilizado questionário, aplicando-o de múltiplas maneiras, tanto na forma digital quanto na forma física, individualmente ou coletivamente para autoavaliação do aluno.

Desta maneira e considerando que no ato da inscrição para o processo seletivo o aluno preenche um formulário socioeconômico, a instituição poderá fazer uma 'pré-triagem' para detectar o perfil do aluno e a partir dessa triagem aplicar o questionário de acordo com cada propósito.

Não menos importante que o acolhimento, atender às motivações e aptidões profissionais do aluno, a flexibilização do currículo também é importante.

A proposta é que se possa flexibilizar o currículo de forma que facilite a transferência entre cursos, pois o currículo rígido é uma das causas da evasão, uma vez que o aluno não pode transferir de um curso para outro por razões burocráticas, causando frustração e conseqüentemente à evasão.

2. O auxílio financeiro

O auxílio financeiro, na forma de bolsas estudantil, é necessário, especialmente quando o aluno se encontra em estágio de vulnerabilidade social. Nesse sentido o aluno precisa sentir que a escola está genuinamente interessada em ajudá-lo a superar os obstáculos sociais e financeiros que lhes impedem de continuar os estudos.

Embora esse tema seja bastante complexo, não pode ser ignorado, pois conforme visto no capítulo anterior, o maior percentual de evasão foi em decorrência da entrada precoce no mercado de trabalho, reforçando que a renda insuficiente para manutenção dos estudos são fatores determinantes para a evasão.

Importa ressaltar que além do auxílio permanência, outros tipos de bolsas são importantes para a manutenção do aluno no curso, como por exemplos as bolsas de projetos de pesquisa, bolsa monitoria e bolsa de extensão.

Portanto, uma política acertada quanto à seleção de bolsistas é fundamental para a manutenção do aluno na escola.

3. O grupo de trabalho

Tão importante quanto mensurar a satisfação dos alunos na busca de oportunidades e melhoria, é mensurar a satisfação dos docentes. Engajar a equipe pedagógica (professores) na construção da excelência no ensino é fundamental, pois eles são a ponte de ligação entre a gestão e os alunos por possuir uma proximidade com o cotidiano estudantil que a gestão nunca vai ter.

Afinal de contas, são os professores que estão em contato diário com as dificuldades e as necessidades reais dos estudantes, assim, garantir que permaneça satisfeitos e engajados é essencial. Portanto a participação dos docentes nos grupos de trabalhos é primordial para integração e manutenção dos alunos nos cursos, através de

participação em grupos de estudos, bem como a participação de outros alunos em monitorias.

Segundo Silva et. al. (2017, p. 14),

a monitoria é parte de um conjunto de ações e estratégias de ensino que contribui de forma efetiva para a concomitante articulação entre o que é ensinado em sala de aula pelo professor e o que é compreendido pelo estudante, promovendo a integração dos saberes e a superação das dificuldades de aprendizagem pelos que a frequentam, contribuindo para atenuar os índices reprovação e abandono escolar.

Esse grupo de trabalho também pode criar um cronograma de aconselhamento e orientação aos alunos fazendo atendimento individual ou coletivamente, tanto de forma presencial quanto à distância. Para tal, a escola precisa criar e manter canais diretos de comunicação com o aluno.

Importa ressaltar que o envolvimento da comunidade acadêmica no combate à evasão faz-se necessária, por isso é importante que todos assumam responsabilidades de se mobilizarem para minimizar o problema e criar estratégias que estimule a visão central no aluno, tendo em vista o bem-estar e sucesso desses.

4. A experiência significativa

A educação não é um evento isolado. Quando um aluno se matricula e frequenta a instituição, ele está vivenciando uma experiência holística, que engloba múltiplos e interligados aspectos: sociais; emocionais; intelectuais; políticos, ou seja, são experiências que devem estar voltadas para sua formação integral.

Portanto, é importante que essa experiência não esteja voltada apenas para os aspectos teóricos, mas de forma que crie

oportunidades de interação e networking (rede de contatos), oportunidades de aplicação do que é aprendido em sala de aula.

Nesse sentido, a proposta é que lhe ofereça oportunidades de engajamento em atividades extracurriculares que possibilite o desenvolvimento da empatia, dos princípios éticos, da capacidade de ser proativo e de outros princípios que nutram o bom relacionamento interpessoal, pois essas competências (comportamentais) são cada vez mais exigidas pelo mercado de trabalho, além de auxiliar no processo de inserção social.

Nessa perspectiva, propõe-se criar um ambiente social e acadêmico agradável que atenda aos objetivos que atraíram os alunos ou despertar pontos positivos de satisfação daqueles que de uma forma ou de outra ingressaram em cursos de menos interesse.

Assim, a divulgação de caso de sucesso de ex-alunos pode ser uma forma de motivação positiva para o aluno, bem como fazer a integração do aluno, pais, professores, ex-alunos numa rede de comunicação que utilize mídias atuais que os alunos utilizem em suas próprias casas e que facilite a integração e acompanhamento desse aluno.

Nesse aspecto, Peixoto e Carneiro (2017, p. 40) enfatizam que

A divulgação das experiências de ex-alunos e de pessoas que já ocupam cargos em empresas, bem como as de empresários e empreendedores, ajuda a motivar os alunos a se manterem no curso e a buscarem alternativas para os problemas que enfrentam. Esta ação potencializa os bons resultados e a permanência dos alunos que, inspirados por elas, compreendem a possibilidade de superarem os desafios.

As atividades extracurriculares também precisam ser incentivadas. As oportunidades para participação em atividades culturais, esportivas e/ou acadêmicas ligadas à profissão na qual o aluno está fazendo o curso trazem experiências significativas ao aluno.

5. A comunicação

Os canais de comunicação internos e externos são essenciais para manutenção do diálogo com o aluno, garantindo que todos tenham voz e possam ser ouvidos e para isso pode-se utilizar de vários mecanismos que já fazem parte do dia a dia dos alunos, como aplicativos e perfis nas redes sociais.

Aqui propomos a utilização de aplicativos atuais, como ferramenta de comunicação, tendo em vista que no Brasil são mais de 200 milhões de usuários de aplicativos de comunicação, o que torna uma ferramenta poderosa de interação com o aluno, uma vez que esse, sendo mais jovem, é imediatista e quer que suas demandas sejam resolvidas com rapidez, praticidade e conforto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto educacional desta pesquisa, o **Guia de acompanhamento – Uma proposta para o combate à evasão** foi construído a partir do convívio profissional, da aprendizagem e do envolvimento com a pesquisa, os quais foram essenciais para a concretização deste produto educacional.

As propostas aqui apresentadas são ações gerenciais e pedagógicas possíveis de serem implementadas e podem contribuir no combate à evasão.

A conscientização do aluno de que a educação tem importante papel na sua vida profissional e social é tão importante quanto a atitude institucional de promover ações que possibilite essa consciência.

Portanto, a responsabilidade sobre o papel na formação do sujeito como objetivo-fim da educação depende do engajamento da comunidade escolar e de ações institucionais que promovam o acolhimento, a integração e a manutenção do aluno na instituição.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 2ª Ed., São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.
- ARRUDA, Danielle Zanon Marques. **Evasão escolar no ensino técnico: um estudo de caso numa escola técnica do Centro Paula Souza.** 2019.
- AZEVEDO, L. A.; COAN, M. O ensino profissional no Brasil: Atender “os pobres e desvalidos da sorte” e incluí-los na sociedade de classes – uma ideologia que perpassa os séculos XX e XXI. *Trabalho Necessário*, Niterói/RJ, ano 11, n. 16, 2013. Disponível em: <<http://www.uff.br/trabalhonecessario>>. Acesso: 25 de maio de 2019.
- BRASIL. Decreto no. 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do artigo 36 e os arts. 39 a 41 da lei no. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e dá outras providências.
- BRASIL. Lei Federal nº 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 de novembro de 1996. 32 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 04 de setembro de 2019.
- CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. Evasão escolar: causas e consequências. 2008. Disponível em: . Acesso em: 17 ago. 2019
- DA SILVA FIGUEIREDO, Natália Gomes; SALLES, Denise Medeiros Ribeiro. Educação Profissional e evasão escolar em contexto: motivos e reflexões. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 25, n. 95, p. 356-392, 2017.
- DAYRELL, Juarez Tarcisio; DE JESUS, Rodrigo Ednilson. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação & Sociedade**, v. 37, n. 135, p. 407-423, 2016.
- MEC/Inep. Dicionário de Indicadores Educacionais. Brasília: o Instituto, 2004. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/informacao->

da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1 /document /id/486420. Acesso em: 29 jul. 2020.

MEC/Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnologia. Disponível em: <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html>. Acesso em: 29 jul. 2020.

OLIVEIRA, Lee Elvis Siqueira de. **Evasão nos cursos subsequentes do IF-SC Campus Criciúma / Lee Elvis Siqueira de Oliveira ; orientador : Gildo Volpato. – Criciúma, SC** : Ed. do Autor, 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2016.

PEIXOTO, Fabrício Gomes e CARNEIRO, Adriane Piedade. **Evasão e Retenção – Um estudo qualitativo do caso Patos de Minas**: em Processos e Práticas de Ensino no IFTM: o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes, Uberaba – MG: IFTM, 2017.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh/relatorios-de-desenvolvimento-humano/relatorio-do-desenvolvimento-humano-200012.html>. Acesso em : 29 jul. 2020.

SCALI, D. F. **Evasão nos Cursos Superiores de Tecnologia**: a percepção dos estudantes sobre seus determinantes. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, Ilma Aparecida Martins, et. al. **Monitorias: atividade acadêmica que contribuiu para a permanência e êxito dos estudantes no IFTM Campus Ituiutaba** : em Processos e Práticas de Ensino no IFTM: o acesso, a permanência e o êxito dos estudantes. Uberaba – MG: IFTM, 2017.

APÊNDICE

Proposta de ação

PROJETO INTEGRAÇÃO, ACOLHIMENTO E MANUTENÇÃO

1. Público Alvo:

Ingressos no ano letivo

2. Responsáveis pela Execução:

Coordenação de Ensino

3. Tema:

Faço parte

4. Palavras chave:

Aluno, Integração, Acolhimento, Manutenção

5. Apresentação:

Sabendo da importância de programas de integração, acolhimento e manutenção para que novos alunos cheguem mais seguros, motivados e comprometidos com a sua formação e com a instituição, pretende-se com essa proposta elaborar um programa de integração, acolhimento e manutenção que facilite a adaptação dos alunos ingressantes nos cursos técnicos, bem como sua permanência até a conclusão do curso.

Entendemos que para se inserir de forma comprometida nesse novo universo, os alunos precisam ser integrados de modo que se tornem sujeitos ativos do seu próprio conhecimento e se sintam parte da instituição.

A partir do pressuposto de que o sucesso dos alunos também é sucesso da instituição, é preciso um olhar mais cuidadoso para a integração e manutenção desses alunos, afinal de contas, a instituição não funciona sem eles.

Dessa forma, nossos calouros deixam de ser simples alunos e passam a constituir nossa principal parte estratégica, isto é, tornando-se ativos fundamentais para a sobrevivência e sucesso de nossa instituição.

6- Justificativa:

Entende-se que o processo de adaptação para cada aluno acontece de forma singular e muitos acabam evadindo antes mesmo de se adaptarem ao curso escolhido.

Entretanto, não podemos ficar inertes a isso e devemos empenhar-nos no esforço de buscar alternativas de combate a possíveis causas que levem à evasão, criando alternativas e ações a fim de combatê-la.

Certos da necessidade do combate à evasão dos alunos desta instituição, é de fundamental importância que se tenha uma estratégia de integração desses alunos, de forma que se faça a socialização entre os demais discentes, professores e técnicos administrativos da instituição a fim de possibilitar uma ambientação acolhedora.

Muitos alunos já passaram ou passarão pelo drama da ansiedade motivada pelo desconhecimento do que é um curso técnico, quais as exigências, o que a instituição oferece, como são as aulas, como é o estágio, o que é preciso para concluir o curso, que tipo de profissional ele será e uma série de indagações que poderão ser respondidas, em primeiro momento, por meio do processo de acolhimento e integração, viabilizando ao aluno uma rápida e efetiva adaptação à instituição.

7- Proposta Metodológica:

A proposta metodológica é que seja oferecido ao aluno que está ingressando um auxílio em sua trajetória dentro da instituição. Proporcionando-lhe, desde sua entrada até a conclusão do curso o

enriquecimento do seu perfil em diversas áreas do conhecimento, que é de fundamental importância para a formação geral do discente como indivíduo social, pela integração e generalização de conhecimento por meio de disciplinas relacionadas aos diversos cursos e informações referentes à sua formação.

8. Objetivos

Geral:

Garantir a integração dos novos alunos, motivando-os a aquisição novos conhecimentos e, sobretudo, promover a manutenção desses alunos na instituição.

Específico:

- Oferecer um acolhimento especial aos calouros viabilizando sua integração.
- Promover 'aulões' com conteúdos básicos e complementares a todos os alunos.
- Estimular a ampliação do conhecimento por meio de exercício de reflexão e atividades em grupos heterogêneos dos diferentes cursos.
- Promover a permanência dos alunos matriculados, evitando que eles abandonem o curso.

9- Cronograma:

META	ATIVIDADE	Início do Ano	1º Semestre	2º Semestre	3º Semestre	4º Semestre
Oferecer um acolhimento especial aos calouros viabilizando sua integração à instituição	1. Palestra 2. Lanche para os 3. Informes					
Promover 'aulões' com conteúdos básicos e complementares a todos os alunos.						
Estimular a ampliação do conhecimento por meio de exercício de reflexão e atividades em grupos heterogêneos dos diferentes cursos.						
Promover a permanência dos alunos matriculados, evitando que eles abandonem o curso.	1. Visitar alunos faltosos 2. Bolsa auxílio para parentes					

9. Recursos:

Lanche para alunos	R\$ 0,00
Bolsas	R\$ 0,00

10. Avaliação:

Para avaliação do projeto o instrumento a ser utilizado será a aplicação de um questionário para posterior análise do resultado, levando-se em consideração o grau de satisfação do aluno quanto ao projeto e verificação do índice de alunos que concluirão os cursos

Para análise do grau de satisfação, a ficha de avaliação considerará os seguintes aspectos:

1. A recepção aos calouros foi satisfatória

2. As informações prestadas pela equipe do campus foi suficiente para tirar suas dúvidas
3. A interação com o corpo docente foi satisfatória
4. A interação com os técnicos administrativos foi satisfatória
5. A interação com as demais turmas foi satisfatória
6. A metodologia utilizada nos “aulões” foi adequada
7. Os conteúdos abordados contribuíram para o desenvolvimento profissional
8. A bolsa auxílio foi importante para permanência no curso

MINICURRÍCULO DOS AUTORES

Antonia Costa Ramos

Graduada em Gestão Pública pela Universidade Católica Dom Bosco. Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro Campus Uberaba Parque Tecnológico. Atualmente é servidora efetiva no cargo de Tecnóloga/Formação do IFTM Campus Avançado Campina Verde.



Adriano Eurípedes Medeiros Martins

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Administração Estratégica. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado na área de Filosofia Política pela UFMG e pós-doutorado na UFU. Atualmente professor (filosofia, ética, política e direito) do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) - Campus Uberaba e membro ativo e regular de dois programas de Mestrado em Educação do IFTM.

